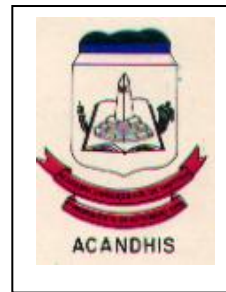
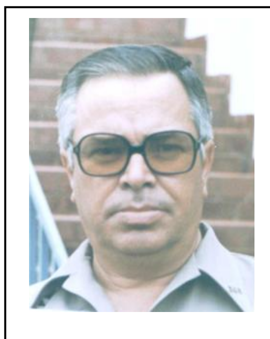








CINQUENTENÁRIO DA MORTE EM COMBATE DO SARGENTO MAX WOLFF FILHO



Cel CLÁUIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB),do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Academias de História de Portugal. Espanha,Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaiense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo ,Rio de Janeiro ,Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras.É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaiense de História,sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra.Integrou a Comissão de História do Exercito 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a proposito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982;E correspondente dos CIPEL, IHGRGS, Academia Sul Rio Grandense de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas È sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso

Artigo do autor digitalizado para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim Especiala AMAN e integrado ao programa Pergamum de bibliotecas do Exército

CINQUENTENÁRIO DA MORTE EM COMBATE DO SARGENTO MAX WOLFF FILHO

*Cel Cláudio Moreira Bento**

O Comando Militar do Sul (CMS) orgulha-se de haver nascido em Rio Negro-PR, em área hoje sob sua jurisdição, e da 5^3 RM/ 5^a DE, o heroico **Sargento Max Wolff Filho,** considerado o **Herói Maior da Força Expedicionária Brasileira** e que tombou heroicamente em ação em 12 de abril de 1945 na batalha para a conquista de **Montese.**

Eis o que sobre ele escreveu na edição de julho de 1994 na **Revista do Exército**, v. 131, Carlos Henrique Curado, e que reproduzimos com complementos, na obra ***Os 68* Sargentos Heróis da FEB Mortos em Operações de Guerra** (Itatiaia, Centro de Recuperação de Itatiaia. **Centro Sargento Max Wolff),** pesquisa solicitada pelo Tenente-**Coronel Sergio W. Etchegoven**, comandante da **CIAS-Sul** em Cruz Alta-RS para reverenciar os 68 sargentos mortos na FEB:

"Max ***Wolff Filho nasceu no dia 29 de julho de 1911, filho do casal Max Wolff e Etelvina Pacheco. Muito jovem ainda, com apenas 11 anos de idade, passava Wolff a ser o principal auxiliar da torrefação de café de seu pai. Aos 16 anos. passou a trabalhar como escriturário numa companhia que explorava a navegação no Rio Iguaçu, mas dentro do seu já exigente senso de colaboração, quando tinha folga, integrava-se aos carregadores para ensacar erva-mate, carregar e descarregar vapores. Nota-se ai o seu espírito trabalhador. O heróico patrício serviu no então 15º Batalhão de Caçadores, em Curitiba-PR, onde prestou o serviço militar inicial e, posteriormente, foi integrante da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Na época da convocação para a Segunda Grande Guerra, apresentou-se voluntariamente para seguir com a FEB na graduação de. 3S Sargento, tendo sido designado para a 1ª Companhia —/do tradicional 11ª RI, de São João Del Rei- MG. Pela sua bravura, competência militar e disciplina, era muito popular e querido, não somente entre seus camaradas, como em todo o V Exército dos Estados Unidos, que enquadrava a Força Expedicionária Brasileira, merecendo consagradas reportagens de vários correspondentes de guerra. Ressalte-se, ainda, que todas as vezes em que se apresentavam missões difíceis a serem cumpridas, o Sargento Wolff sempre se declarava voluntário. Dentre as várias missões de combate realizadas pelo bravo Wolff, destaca-se aquela em que, num gesto de abnegação e de destemor, se apresentou ao comandante de sua Unidade para constituir a patrulha incumbida de reconduzir às linhas amigas o Capitão João Tarcísio Bueno, gravemente ferido em ação, em local perigoso, facilmente batido por fogos das posições alemãs. Apesar da escuridão e do nevoeiro, seguiu com sua patrulha para a 'terra de ninguém' e conseguiu, com dificuldade, carregar os feridos para as nossas linhas. A sua invariável conduta heróica, grande intrepidez e elevado espírito ofensivo foram reconhecidos com as Medalhas de CAMPANHA, SANGUE DO BRASIL, Medalha AMERICANA BRONZE STAR e a CRUZ DE COMBATE DE 1ª CLASSE."***

Os arquivos da FEB guardam numerosas citações da relevante atuação de Max Wolff nos combates em que participou. A morte o colheu durante arriscada missão de patrulha nas proximidades de Maserno, mais precisamente na **Batalha de Montese**: ao avançar por uma encosta em ação de reconhecimento, seu vigoroso peito foi cortado pela famosa metralhadora **"LURDINHA".** Pereceu em combate, a 12 de abril de 1945, o herói Wolff,

sendo promovido ***post-mortem*** ao posto de *2º* Tenente, por Decreto do Governo da República, datado de 8 de junho de 1945.

Max Wolff. apelidado no 11º RI de "**Carinhoso"** por causa da sólida blandícia que colocava na voz quando tratava com seus subordinados, deixou na orfandade sua filha Hilda, seu enlevo e maior afeição de sua vida de soldado. Da Itália, Wolf escreveu para sua irmã Isabel, relatando que estava orgulhoso em pertencer ao Exército Brasileiro e que, se a morte o visitasse, morreria com satisfação.

Em face das diversas demonstrações de **coragem, disciplina, ação de comando, noção de cumprimento do dever e principalmente, patriotismo,** o nome do Sargento Wolff é hoje emprestado a **Círculos Militares**. **Grêmios**, **Turmas de Formação** e até a pavilhões internos de aquartelamentos. Tornou-se para as praças do Exército Brasileiro um exemplo e motivo de orgulho.

Atualmente, existe no centro de Rio Negro-Paraná, sua cidade natal, uma praça com o nome de Sargento Wolff. Nesse logradouro, anualmente é feita uma formatura com todo o efetivo do **5º Regimento de Carros de Combate**, com o intuito de homenagear o herói em destaque e os demais "**Pracinhas da FEB".**

O General Otávio Costa, então tenente do 11ª RI, que presenciou o Sargento Wolff tombar em ação, dedicou-lhe expressivas referências nas obras de sua autoria: **Trinta anos depois da volta** (Rio, BIBLIEX, 1975) e **Acerca dos Homens** (***Revista Militar Brasileira,*** Nu Especial à FEB 1973). Este artigo assim descreveu a morte do Sargento Wolff:

"Em nossa frente, o ponto cotado 747 era o acidente capital. Sobre ele marcharia o nosso pelotão especializado nas ações de patrulha, a que se dera o comando de um sargento, um sargento que a liderança no- combate credenciara às funções de oficial.

Estivemos com o Sargento Wolff até quando ele partiu. Foi-lhe dito que o silêncio abrandava a poupança da munição e que, na hora precisa, os nazistas lá estariam se opondo à nossa vontade. Aconselhou-se a que se precavesse, pois o reconhecimento seria à luz do dia. Em vão! Penso que se convencera da tese de que se defrontava com o nada, que o alemão sagaz já estava longe. Fui vê-lo progredindo, em pé, desassombradamente, ai frente de seus homens, com duas fitas de munição trançadas sobre os ombros, numa cruz exótica, cujo reluzir o denunciava ao mundo dos outros.

Ei-lo alcançar o terço superior da elevação, em cujo topo havia a Casa de Lépore, cenário de tantos dramas outros de que fora ele mesmo o herói só. Até ali o terreno era coberto pela vegetação. Uma cerca, depois chão limpo, arado e fofo.

Vi-o deixar os companheiros no aconchego da vegetação, transpor a cerca de nosso mundo e buscar os altos. Deixaram que chegasse bem perto e até quando não podiam mais errar. A luzidia munição entrecruzava-se no peito. A saraivada! A cruz no peito! O bravo paranaense caiu sobre o ventre descosido. Aquela cerca não separava apenas as idéias dos homens, senão porque o próprio mundo dos homens.

Depois, foi a doidice santa de seus liderados para tentar trazê-lo de volta. A rajada da metralha rasgava um alarido de sangue. Tudo o que estava há tanto tempo calado, no chão, revivescia ao chamamento da morte.A patrulha firmava a metralhadora junto à cerca, tentando calar a arma que abatera o líder. Dois homens rastejavam puxando o corpo pelas pernas. Um deles ali ficou, colado ao chão que o prendera. Veio o outro. Viram que Wolff estava morto. E outros estavam morrendo. Um pracinha esquálido e ousado fez emergir de junto à cerca a figura de Wolff. E, ziguezagueando grogue por entre o pespontado de balas, no chão exausto, se fizeram jazer na bem-aventurança que a primeira cratera dadivosa lhes oferecia. Ali mesmo, bem perto da cerca, mortos e vivos se confundiam.

Examinou o herói, ajeitou-lhe o uniforme, colocou-lhe o capacete, acomodou-o na cova irmã. Começou, então, o imenso rastejar de volta, da avidez de quem busca vida. Do observatório, ajudava-se o difícil retorno da patrulha dando olhos à nossa artilharia para cegar os outros com os nossos fogos fumígenos e de neutralização.Inútil a peregrinação da noite dos padioleiros para encontrar o Wolff. Os homens do batalhão do Onze de Minas Gerais queriam de qualquer forma buscar o companheiro pertinho de sua cerca e do mundo de ninguém.Queriam buscar o paranaense que passara o nosso batismo de fogo, na noite distante de nosso pânico, carregando munição para as posições avançadas e retornando com os feridos.Queriam trazer o homem que. após todo o ataque fracassado, não descansava enquanto não houvesse volta, primeiro para os feridos e, se possível, para os mortos.Queriam trazer o paciente artesão das tramas e armadilhas da vida e da morte das patrulhas, no frio, no inverno todo.Impossível trazê-lo agora! Amanhã era a largada da grande ofensiva da primavera e o nosso dever, arrancar Montese. O Sargento Wolff lá ficara para que estivéssemos presentes na hora da decisão. "

O General Delmiro P. de Andrade assim registrou a morte heróica do Sargento Wolff em sua obra ***O* 11º RI na Segunda Guerra Mundial** (Rio. BIBLIEx, 1950):

momento na frente do 1º Batalhão era o ponto cotado 747, pelo que foi lançado um reconhecimento do valor de 15 (quinze) homens do Pelotão Especial, sob o comando do Sargento Max Wolff Filho. Partiu às 12 horas de Monteforte, passou por 732 e foi a Moraiani, de onde saiu às l3hl0min para abordar 747.

Tomou todas as precauções para a execução do plano concebido pelo chefe dessa pequena tropa de bravos, conseguindo aproximar-se muito das casas, tentando envolver o casario pelo Norte.

Estavam a 20 metros, mais ou menos, e o elemento da esquerda era guiado pelo seu comandante Sargento Wolff, que, abandonando o caminho, entrou no terreno para, desassombradamente, abordar o casario pela esquerda. Às 13hl5min o inimigo deu uma rajada do ângulo de uma das casas, ferindo gravemente o comandante do reconhecimento, que, tombando, recebeu nova rajada de arma automática partida do mesmo ponto, tendo também caído mortalmente ferido o soldado que marchava mais próximo daquele."

E prossegue mais adiante o autor e testemunha:

"Os nossos morteiros e a nossa artilharia não se fizeram esperar neutralizando os fogos inimigos, e, somente com essa intervenção, o 2ª Sargento Newton José Faria e os soldados Antônio Sá Rodrigues, Florival Alves Pereira, Benedito Vitalino e Aniceto Cavassane avançaram para 747 para remover os corpos do Sargento Wolff e do soldado Alfredo Estevão da Silva. Florival conduzia o corpo de Estevão, enquanto que o Sargento Faria e o soldado Antônio procuravam aproximar-se do corpo do Sargento Wolff puxando-o pelas pernas, sob a proteção dos fogos de dois outros soldados. O inimigo continuava a atirar de morteiro e fuzil e, depois, de artilharia vindo de Montespecchio e Monte Maiolo. Arrastando o corpo do Sargento Wolff foram feridos o Sargento Faria e o Soldado Antônio Sá Rodrigues, pelo que não puderam continuar a conduzi-lo.

Nessas ações teve o 1º Batalhão as seguintes perdas: o Sargento Wolff e dois soldados mortos; um sargento e um soldado feridos; dois soldados acidentados em ação."O Sargento Max Wolff Filho, que comandou o reconhecimento ao ponto 747, tombou mortalmente ferido peias balas alemãs quando, à testa de sua fração, desapareceu como um herói. Seu nome será sempre presente porque as grandes ações resistem ao tempo e duram a eternidade. E a sua figura aparecerá sempre agigantada na admiração de todos."

CITAÇÕES DE COMBATE DO SARGENTO WOLFF

Em 13 de dezembro de 1944**: *"Num gesto abnegado de destemor, estas praças se apresentaram voluntariamente ao comandante de sua Unidade para constituir a patrulha incumbida de reconduzir às nossas linhas o Capitão João Tarcísio Bueno, gravemente ferido em ação, em local perigoso, facilmente batido pelos fogos das posições alemãs. Bem sabiam os perigos de que se revestia a sua missão. Partiram, mas não foi possível localizar o oficial ferido, por causa da forte cerração e da escuridão da noite, trazendo de regresso dois feridos. E outro exemplo que quero apontar aos meus comandos: dentre essas praças desejo destacar o desassombro do 3° Sargento Wolff, que todas as vezes que se apresenta uma missão perigosa, principalmente de patrulha, espontaneamente se oferece para fazer parte dela. Registro com satisfação essa particularidade do Sargento Wolff, pela qual revela possuir noção perfeita do dever militar. "***

Em 7 de março de 1945: ***"As ligações eram indispensáveis. A perfeita 1ª Companhia do 11ºRI ocupara no dia anterior as atuais posições, depois de atravessar terrenos inteiramente desconhecidos e largamente minados. Na madrugada de 7, partiram as linhas telefônicas. Para guiá-las e protegê-las partiram à frente da turma o Sargento Wolff, o Cabo Tiago e o Soldado José Berberino. que são outros tantos exemplos a apontar à tropa brasileira. Revela notar que o Sargento Wolff é a segunda citação que tenho o prazer de registrar, por ato meritório praticado em combate. "***

Hoje o Sargento Wolff é denominação histórica do **20º BIMtz de Curitiba,** antigo 15ª BC: onde ingressara no Exército, e do **Centro Sargento Max Wolff** em Itatiaia-RJ — denominações dadas pelo Exmo. Sr. Ministro do Exército, Gen Ex Zenildo Gonzaga Zoroastro de Lucena, como uma forma de homenagear todos os sargentos do Exército, os quais se constituem elo entre o comando e a tropa. Com o apoio na interpretação de dados constantes de recente pesquisa existente no CRI do Cel R/I Artilharia Erasmo Dias Barreto, conclui-se:

"O herói Max Wolff descendia de alemães pelo pai. Sua mãe D. Etelvina era menina natural da Lapa, onde, em 1899, padeceu os rigores do sítio e testemunhou os efeitos dos Heróis da Lapa sob a liderança de Gomes Carneiro. Estas histórias de heroísmo contadas pela mãe incendiavam sua cabeça de menino e adolescente. De 1 a 4 anos de idade, vive as tensões da Guerra do Contestado, testemunhando a movimentação das tropas do governo em Rio Negro-PR. Max Wolff ingressou na escola em Rio Negro em 1916 durante a Primeira Guerra Mundial. Em 1922, em São Mateus do Sul, aos 11 anos, trabalhou na torrefação e moagem de café do pai e, por pouco, não foi vítima de acidente fatal de trabalho. Em 1927, aos 16 anos, quase foi vitimado fatalmente sob a roda de um vapor no Rio Negro do qual era escriturário. Aí, num gesto de solidariedade a um amigo agredido por dois comparsas, terminou sendo baleado pelas costas por policial que interveio no incidente, incorporou no atual 20º BIMtz — Batalhão Max Wolff. Nele, como praça, ajudou a vitória da ***Revolução de 30*** *no Paraná. Transferido para o Rio, combateu a* ***Revolução de 32 no Vale do Paraíba****. Terminada esta, dedicou-se no Rio a ser professor* ***de Educação Física e Defesa Pessoal****. A seguir, ingressou na* ***Polícia do então Distrito Federal*** *cabendo-lhe a função de* ***Comandante de Polícia de Vigilância****. Daí ingressou. na FEB como 3ª sargento aos 33 anos. Na Itália se apresentou voluntário e coube-lhe o comando de* ***Pelotão Especial destinado a patrulhas de reconhecimento em situações excepcionalmente perigosas****. E foi à frente deste Pelotão, depois de inúmeros e heróicos feitos, que tombou nas circunstâncias que descrevemos."*

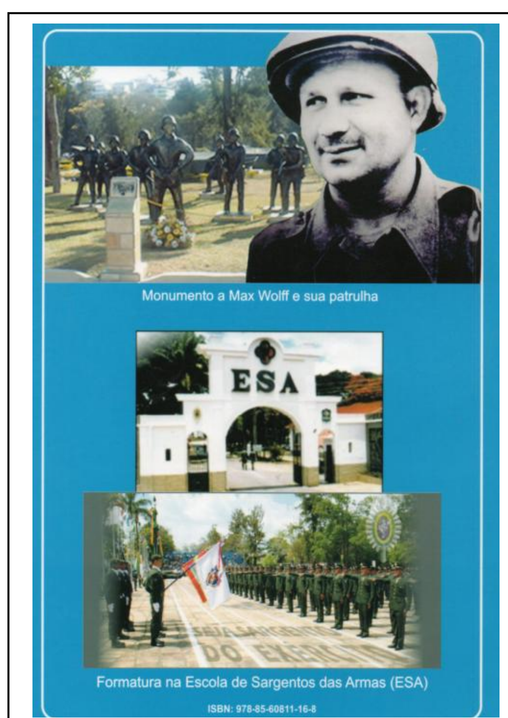
Seus restos mortais encontram-se no Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial no jazigo 32, quadra G, por sinal muito visitado.



Publicamos nossa pesquisa sobre o Sargento Max Wolff Filho em 1995 na Historia do CML (capa a esquerda) as p.259/263 e na Revista do Exército capa ao lado direito no 2º sem 1996. as p´.31/34 .Obras hoje acessíveis em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB [www.ahimtb. org,br](http://www.ahimtb.org.br)







1ª e 4ª capas de nossa pesquisa original solicitada pelo então Ten Cel Sergio Westphalen Etchegoyen , então, comandante da Escola de Sargentos a CIAS/SUL e publicada em 2011 nas comemorações do Centenário do Sargento Max Wolff, hoje como ato de justiça histórica na Voz do Exército Brasileiro, denominação histórica da Escola de Sargentos das Armas. Obra patrocinada pela FHE-POUPEx , presidida pelo Gen Ex Clovis Jacy Burmann comandante da ESA, com abas do Gen Div Sérgio Westephalen Echegoyen, que a solicitou quando no comando das CIAS SUL e Prefacio do Cmt da ESA Gen Bda Fernando Vasconcellos Pereira ,com nossa Apresentação , poesia FEBIANOS HERÓICOS do inspirado poeta castrense e acadêmico da FAHIMTB Sub Tenente Ref Evilácio Barbosa Saldanha e capas do Capitão de Mar- e- Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento. filho do autor e criador e administrador do site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br onde esta disponível a maior parte da produção historiográfica do autor, com vistas a sua perenidade e acessibilidade, segundo orientação de universitários militares e civis que recorrem em suas pesquisas na Internet, por sua acessibilidade e conforto.E vamos aprender com a Juventude estudiosa em especial os Cadetes da AMAN.Trabalho da Grafica Irmãos Drumond diagramado por Carlos Eduardo Ferreira Ávila,Contado com José Antonio Alves e revisão de Manoelina Gomes Fonseca de Carvalho e Impressão da Gráfica e Ed.Irmãoe Drumond.